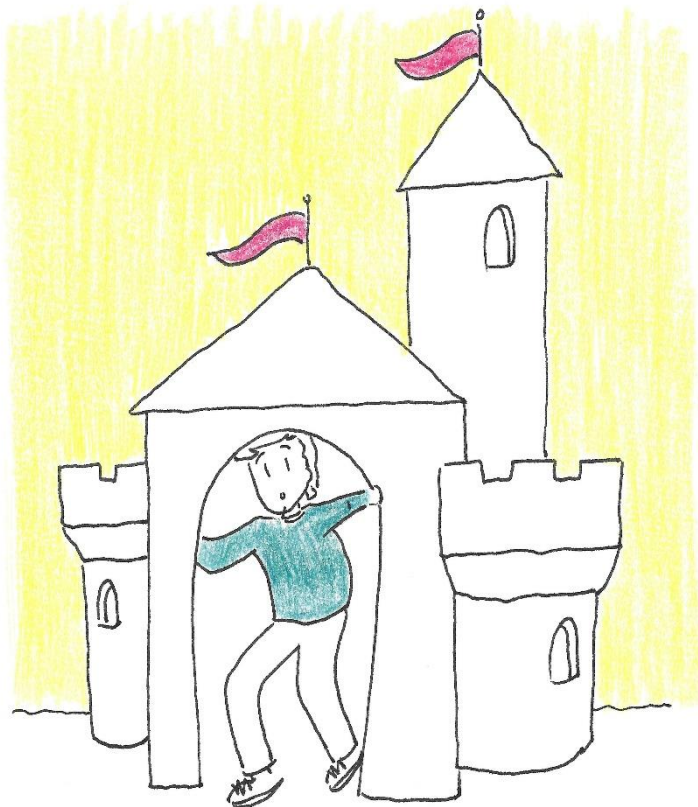


Interioridade



Em A opinião de..., José Víctor Orón Semper¹ nos fala sobre termos e mentalidades:

Interioridade

Original: educacion.press/2019/02/04/terminos-y-mentalidades-interioridad/

A educação na interioridade é uma forma de entrar em si mesmo e descobrir a própria individualidade, ou, em verdade, é uma forma de ser na relação com os demais? A interioridade é um castelo interior para se afirmar e logo sair ao exterior? Ou é um local de encontro?

¹ Doutor em Educação (Universidade de Navarra). Mestre em Neurociência e Cognição (UNAV) e em Bioética (Fundação Jerónimo Legeume). Membro do Grupo Mente-Cérebro (UNAV). Licenciado em Estudos Eclesiásticos (Facultad de Teología San Vicente Ferrer). Engenheiro de Vias, Canais e Portos (Universidad Politécnica de Valencia). Professor do ensino fundamental e médio e sacerdote escolápio. Autor do Programa de Educação Emocional UpToYou.

Descobrir a interioridade é o ponto-chave para acertar com uma proposta educativa que, certamente, satisfaça os desejos profundos de qualquer pessoa e, portanto, seja uma garantia de êxito. Não se trata de educar a interioridade como se fosse apenas mais um "tema" a ser ensinado, mas toda a educação será realmente útil, atrativa, motivadora e geradora de crescimento se, e somente se, ao mesmo tempo, for uma educação em interioridade e intimidade. Interioridade e intimidade não são a mesma coisa, mas se relacionam. Pode-se consultar o termo intimidade no vocabulário emocional, mas ressaltaremos alguns aspectos do termo intimidade para entender o que é a educação na interioridade.

Foi Agostinho de Hipona quem soube colocar a intimidade como lugar de encontro interpessoal, neste caso entre Deus e si mesmo. Se o termo intimidade deveria qualificá-lo em relação ao encontro, a interioridade é o melhor caminho pedagógico para descobrir que somos seres de intimidade. Nesse sentido, e de acordo com a nossa proposta, **a educação na interioridade é o recurso pedagógico para que as pessoas se descubram e vivam como seres de intimidade, isto é, como seres de encontro desde a intimidade.** Vejamos agora, esta forma de compreender a interioridade e, logo, apresentaremos uma complementação.

Essa proposta pedagógica é geralmente entendida como um caminho de fora para dentro de si mesmo. Mas essas referências de lugar devem ser entendidas metaforicamente e não espacialmente. Interioridade e intimidade não precisam estar localizadas "dentro" como se fosse um "lugar" secreto, onde alguém pode fechar-se consigo mesmo e descobrir qual é seu eu mais puro ou autêntico. Essa busca de um lugar no qual a pessoa se isola, para afirmar o "eu" e, uma vez que o "eu" tenha sido firmado, sai com força para o mundo exterior, é um autêntico processo de loucura, pois esse "eu" simplesmente não existe, senão que, ou é fruto de uma conceitualização, ou é uma criação ilusória de uma pessoa ferida. Esse eu-forte é um mecanismo psicológico de defesa com o qual revestimos de fortaleza uma debilidade. Triste, muito tristemente, vemos que essa é a referência frequente ao mundo da interioridade. Neste caso, educar na interioridade é educar na autoafirmação. Mas, esse "eu isolado" é simplesmente uma pessoa morta. Não existe uma pessoa sozinha. As pessoas, ou são pessoas, ou não são nada. Por isso, tem que ficar claro que toda educação na interioridade que leve a afirmação de um eu potente, forte e definido, que logo saia a dominar o mundo, é deixar a pessoa doente, pois a pessoa o que é, o é por sua forma peculiar de encontrar-se com outras pessoas. **Educar na interioridade é educar para a intimidade e educar para a intimidade é educar para o encontro.**

Agostinho dizia: "Tudo isso, entendi mais tarde, pela voz que me falava, por dentro e por fora de mim, através das coisas boas que me concedias". É dizer, o dualismo dentro-fora, entendido como isolamento-relacionamento, não teria nada a ver com a compreensão de Agostinho, pois, tanto dentro como fora são locais de encontro. Falar de interioridade é falar da profundidade das relações humanas. Talvez ajude a entender a contraposição interioridade-exterioridade não como dentro-fora, mas como profunda-superficial: relações profundas-relações superficiais. O jogo de palavras não é o relevante porque, no fundo, não

deixam de ser recursos metafóricos, mas o que sim é relevante é entender que o que se propõe é a dualidade individualidade-relação, pois Agostinho disse que: “tu eras interior a minha mais profunda interioridade”, referindo-se a que no mais profundo dele estava Deus esperando por um encontro, não por uma solidão. **O interior é lugar de encontro, assim como o exterior.** Isto é, **educar na individualidade seria o contrário de educar na interioridade.** Educar na autonomia entendida como independência, seria o contrário de educar na interioridade. Vale a pena repassar o termo autonomia para recordar que o verdadeiro sentido de autonomia é a capacidade para o encontro.

Por tudo isso, deveríamos refletir, pois quando se diz a uma criança: "aprenda a ser você mesma", o que está sendo dito? A frase não é incorreta, mas com que intenção se diz? Se entendermos que se trata de esclarecer-se consigo mesmo e, assim, poder ser o que quisermos, com independência do exterior, interpretaremos mal o chamado à interioridade. **A educação na interioridade é educar para o encontro**, insiste Agostinho, “porque mais vale encontrar-te sem ter resolvido teus enigmas, do que resolvê-los e não te encontrar”.

Certamente, Agostinho descreve sua história de encontro desde categorias religiosas. Agostinho buscou sem saber o que buscava: em criaturas, em estudos, em várias seitas e viveu a falta de um encontro com a sensação de uma permanente insatisfação. Até que encontrou o que buscava, embora não soubesse o que buscava: o encontro, no seu caso com Deus. Mas, seria um erro associar sua proposta exclusivamente ao encontro religioso. O próprio Agostinho descobrirá que **o encontro na intimidade é a verdadeira forma do encontro humano.** É a forma humana de viver. Para ele, a amizade é tal encontro que pode ser entendido como *uma alma em dois corpos distintos*. Quando Agostinho dizia "nos criaste para ti" em referência a Deus, podemos entendê-lo como "nos criaste para o encontro". Somos seres de encontro em encontro de intimidades.

Em vez disso, pensamos que, hoje em dia, alguns interpretam mal o que é a intimidade e outros simplesmente a ignoram. **Ignora-se a intimidade quando a pessoa é compreendida exclusivamente desde níveis comportamentais e afetivos.** Em tal caso, é ainda mais evidente que a educação na interioridade **se mal interpreta como educação na individualidade.** Nesse caso, se uma pessoa vive basicamente satisfeita, afetivamente falando, e com um nível aceitável de operatividade nos diferentes ambientes em que precisa desenvolver-se, então pode considerar-se uma pessoa saudável e com o que poderíamos chamar de "êxito básico alcançado". Mas, como dizíamos, essa aposta está ignorando a intimidade da pessoa. A intimidade é mais que o mero comportamento de uma pessoa ou a experiência psicológica de tal comportamento. Não que você precise adicionar uma nova parte ou dimensão. Senão que, na verdade, o comportamento humano é um comportamento onde a intimidade se expressa ao mesmo tempo que se configura e a experiência afetiva é, na verdade, a experiência afetiva de um encontro com o outro, de um encontro de intimidades. Enquanto um animal pode experimentar como o mundo o afeta, o ser humano experimenta como se encontra com outras pessoas no mundo.



Interpreta-se mal a educação na interioridade, quando se afirma que esta consiste em unificar a vida de uma pessoa ou suas distintas dimensões (corporal, psicológica, social, etc.), ou que se trata de uma competência a mais, ou que busca que o aluno encontre o eu interior, ou a busca de equilíbrio interior (para evitar a dispersão) ou dos sentimentos de si mesmo, ou que a interioridade é o centro que nos permite regular nosso comportamento (essas e outras expressões semelhantes podem ser facilmente encontradas na *internet* e em certos trabalhos acadêmicos). No melhor dos casos, esses são os efeitos da verdadeira educação na interioridade, como quando se fala da unificação da pessoa. E em outros casos, essas interpretações são uma deformação da educação da interioridade, como quando se diz que este é o centro que nos permite regular o comportamento.

Dissemos em outros artigos do vocabulário emocional que, no ser humano (e na vida em geral), desde o menor, não se alcança o superior, enquanto que, desde o superior, não só se alcança tudo, mas também o menor brilha com todas as suas qualidades e esplendor. Outra forma de propor é que, **desde os efeitos da intervenção, não se alcançam os objetivos da intervenção**. Por exemplo, um efeito de que em uma casa haja boas relações, é que nesta casa, haja certa paz e as pessoas não falem gritando. A paz é um efeito da boa convivência, mas a boa convivência se dá porque a casa é um lugar de encontro interpessoal. Se alguém quer paz em casa, se equivocará fazendo da paz um objetivo. A paz não se explica por si mesma. Não é que seja um desejo ruim, muito pelo contrário, mas é simplesmente que não pode ser objetivo o que é efeito. O objetivo é que a casa seja um lugar de encontro interpessoal e a paz será (usando a terminologia atual dos processos de qualidade) um bom indicador. Faça que sua casa seja um lugar de encontro e haverá paz. Por outro lado, se você se concentrar na paz, é provável que não tenha nem um, nem outro. Porque, ademais, essa busca pela paz acaba se traduzindo inconscientemente na busca pela *sua* paz.

O mesmo ocorre com a busca pela unificação da vida. **A interioridade não é para unificação, senão para o encontro, mas se você se encontra, se unifica**. No entanto, o que se busca com tanto exercício de relaxamento e respiração? Que compreensão da educação na interioridade há por trás dessas propostas? Busque o equilíbrio e você acabará se irritando; procure encontrar-se em sinceridade e acolhida e você se descobrirá em paz.

Dizíamos que há outra forma complementar de entender a educação na interioridade, que é aprender a atuar desde a mesma. Em tal caso, toda ação é uma ação encaminhada ao encontro. A verdadeira educação na interioridade implica que em toda atividade, disciplina ou matéria, pode dar-se um diálogo de intimidade a intimidade em tudo que faz. Por isso, pensar que a educação na interioridade é uma questão de disciplina é um erro. A educação na interioridade se dá quando, na aula de tecnologia, as crianças estão construindo sua torre com palitos de papel, porque usam essa construção para o encontro interpessoal. Que haja uma matéria para poder ajudar a que, nas outras disciplinas, possa dar-se um encontro de intimidades, me parece muito bem e a isso podemos chamar de aula de educação na interioridade. Mas, pensar que nessa aula está educando na interioridade é não entender o que é intimidade e dinâmica de interioridade. Nesta aula, se todos entendem bem o que é



educar na interioridade, estará ajudando a que em todo o processo educativo se dê realmente uma educação na interioridade.

Como se relacionam a educação emocional e a educação na interioridade? **O contrário de uma pessoa entendida como um ser de interioridade é entender a pessoa como uma máquina.** A pessoa é uma máquina quando seu comportamento se explica como uma reação a um acontecimento exterior. Quando uma criança diz: "Eu bati nele porque ele me tocou", ele está se autodefinindo como uma máquina: "Você toca, eu bato." "Se você não quer que eu bata em você, não me toque." Quando o garoto diz: "Eu bati nele porque estava nervoso", esse garoto já começou a descobrir o que é a interioridade. Não é que tenha interioridade, mas que é interioridade. Em um caso, a criança se entende como uma máquina e, no outro, começa a entender-se como intimidade, pois começa a conhecer sua interioridade.

Se na educação emocional descobrimos que em cada emoção acontece a convergência da complexidade de toda a nossa vida, então a educação emocional é uma ajuda à educação na interioridade, entendida como um encontro, pois a pessoa não é uma máquina. Mas, quando a educação emocional se entende como o controle emocional, pois a emoção é o que se desperta em mim devido à presença de algo, então se está fomentando uma educação na interioridade entendida como a busca romântica e idealizada do eu interior e falso. Em tal sentido, certa forma de entender a educação emocional leva a certa forma de entender a educação na interioridade. Vemos que existem distintas concepções antropológicas que alimentam cada uma das duas propostas.

Vejamos um exemplo da relação entre educação emocional e educação na interioridade. Há quem fale de "pessoas tóxicas"; em vez disso, falamos de "situações tóxicas". Se dizemos pessoas tóxicas, atribuímos a toxidez ao outro. O outro é o tóxico e sua presença me enferma. A educação emocional buscará implantar habilidades socioemocionais para se proteger dessa toxina, e a educação na interioridade buscará esse eu interior que está a salvo da toxina e se equilibra. Mas se falamos de situações tóxicas, tudo muda. A toxidade não é atribuída ao outro, senão que, ao viver como vivemos e ao fazer o que fazemos da forma e com os objetivos que temos, vivemos a relação com o outro como se fosse tóxica, mas o outro não é tóxico. Nesse caso, a educação emocional buscará ajudar a que a pessoa descubra por que vive essa relação desta forma e, para isso, necessitará conhecer seu estado vital, sua forma de viver, entender e se relacionar e, a partir daí, poderá considerar como melhorar a relação com o outro, porque o outro não é tóxico. E a educação na interioridade consistirá em ajudar a descobrir os desejos profundos que temos de encontro, e que é precisamente esse encontro frustrado o que está nos doendo. A vida, na interioridade e na exterioridade, é um lugar de encontro.